

O ANÚNCIO DA “GRANDE SAÚDE” COMO TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES NA FILOSOFIA NIETZSCHIANA

The Announce of "Big Health" as Transvaluation Values in Nietzschean's Philosophy

Hellen Maria de Oliveira Lopes¹

Resumo: Nietzsche apresenta na sua obra “A Gaia Ciência” o conceito de “Grande Saúde”. Esse conceito é pouco referenciado nas demais obras do filósofo. Por esse motivo, o presente artigo tem por objetivo abordar, ainda que de maneira geral, as características desse conceito que são relevantes para a compreensão da crítica feita pelo filósofo a moralidade moderna e já contém em si o direcionamento para a superação dos valores tradicionais decadentes e da doença do ressentimento. Pretendemos, ainda, evidenciar a relação entre a noção de Grande Saúde e do indivíduo nobre, “espírito livre”.

Palavras-chave: Nietzsche, Grande Saúde, Transvaloração dos Valores.

Abstract: In his work “Gay science” Nietzsche brings to us the notion of Great Health. That notion has a few of references in others Nietzsche's works. For this reason, this paper approach, although in general, what characteristics are relevant to understand the nitzschean criticism to modern morality and contains in itself the directions to overcoming of decadent traditional values and resentment disease. We intend to point the relation between “great health” and aristocracy, free soul.

Keywords: Nietzsche, Great Heath, Transvaluation of Values.

1. Anúncio da “Grande Saúde” em Nietzsche

As características e, principalmente, a necessidade de uma cultura elevada, que resultaria no surgimento de indivíduos elevados, tem como pressuposto, na percepção nietzschiana, um novo meio. Para que esses indivíduos “novos e ainda

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI e Professora do Instituto Federal do Maranhão - IFMA. Contato: Lopes.hellenmaria@gmail.com.

não provados”² tenham a possibilidade de destacamento. Porém, o que percebemos, ao nos depararmos com o texto do filósofo, é a grande dificuldade encontrada em identificar tais indivíduos porque o próprio meio social não propicia tais identificações. É nesse sentido que Nietzsche intitula a si e aos demais indivíduos elevados como “rebentos prematuros de um futuro ainda não provado”. Ou seja, a elevação da cultura ainda é um ideal. Esse novo fim ao qual os indivíduos elevados tenderiam lhes proporcionaria alcançar o que Nietzsche intitulou de “grande Saúde”.

O termo “grande saúde” é pouco explicitado na obra de Nietzsche. É a partir da leitura do parágrafo 382 da *Gaia Ciência* que será possível compreender a proposta do filósofo a respeito de tal conceito. Nele podemos encontrar elementos que nos permitem circunscrever mais precisamente os “sintomas” de uma “grande saúde”. É o momento em que Nietzsche procura mostrar que, para um novo fim ao qual o indivíduo deve tender, é necessário um novo meio, um meio que possibilite uma saúde tal que esses indivíduos, pertencentes a esse meio comum, à cultura da decadência, jamais haviam alcançado. Para o filósofo, esse novo meio proporcionará o surgimento de novos homens:

Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora.³

É importante, para se alcançar a “grande saúde”, que o indivíduo se torne um experimentador de perspectivas. É necessário que ele perceba a multiplicidade de vias pelas quais ele pode se aventurar. Ao contrário do que encontramos no indivíduo doente – para quem o ressentimento é a característica primordial e só consegue ter como perspectiva apenas uma única direção, a saber, a felicidade no

² Na expressão acima citada, Nietzsche se refere ao “Espírito livre”. Na filosofia nietzschiana esse conceito está relacionado ao indivíduo do tipo elevado. Nele encontramos o impulso que leva à transvaloração dos valores, como afirma Nietzsche em seu “Anticristo”: “nós mesmos, nós, espíritos livres, já somos uma transvaloração de todos os valores”. (NIETZSCHE. F. *O Anticristo*: Maldição ao cristianismo. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. §13. P.18.). No espírito livre encontramos uma vontade de poder ativa que emana vida e, com o *phatos da distância*, aquele que está abaixo de si. É importante ressaltar que a expressão “espíritos livres” já pode ser encontrada na obra de 1878 *Humano, demasiado humano*, no prólogo: 2 e 7 e nos parágrafos: 30, 34, 225, 227, 229-32, 282, 291, 595, 638.

³ NIETZSCHE. F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Sousa. Companhia das Letras. São Paulo. 2001. §382. P. 286.

além-mundo, o indivíduo da “grande saúde” é, ao contrário, aquele que, segundo Nietzsche,

Cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse “mediterrâneo” ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um adivinho excêntrico de outrora; para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a “grande saúde”⁴.

O indivíduo oriundos da cultura tradicional, para alcançar a “grande saúde”, necessita travar lutas constantes com os aspectos constitutivos da cultura da qual faz parte. Uma vez que essa cultura é predominantemente decadente, os valores repassados para seus membros são, necessariamente, decadentes. Surge, então, nos indivíduos que conseguem se destacar a necessidade de buscar constantemente essa luta no intuito de uma “grande saúde”.

Se a influência e o poder de sedução dos preceitos do ressentimento exercem uma significativa influência sobre os indivíduos modernos, então, a possibilidade de o indivíduo, mesmo o destacado, se “contaminar” com a doença do ressentimento é constante. Por esta razão, Nietzsche nos mostra que necessitamos de uma “grande saúde”, uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...”⁵

Podemos compreender essa noção da necessidade de se abandonar a “grande saúde” para novamente tê-la a partir do próprio confronto entre doença e saúde feito por Nietzsche. Para o filósofo, a doença é um eficaz estimulante para o surgimento da saúde. “A própria ideia de ‘grande saúde’”, afirma Paschoal, “não significa a eliminação da doença, uma vez que a doença, enquanto produtora de tensão é um poderoso estimulante”.⁶ É necessário que o indivíduo tenha passado pela doença para reconhecer os “benefícios” da “grande saúde”. A doença apontada

⁴ NIETZSCHE. F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2001. §382. P. 286.

⁵ NIETZSCHE. F. Op. Cit. § 382. P. 286.

⁶ PASCHOAL. A. E. *Nietzsche e a auto - superação da moral*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. P. 161.

pelo filósofo alemão, não é a doença física, mas sim aquela que acomete o espírito impossibilitando o indivíduo de almejar uma altivez, uma nobreza.

É importante que compreendamos que a saúde não provém da doença, ela é proveniente da capacidade do indivíduo em distanciar-se da doença a fim de alcançar a saúde. É certo que, ao se afastar do estado de adoecimento, o indivíduo torna-se nobre, destacado, ou seja, a doença não gera saúde, mas proporciona um enobrecimento aos indivíduos que conseguem distanciar-se dela. Em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche enfatiza estas ideias ao afirmar que,

A altivez e o nojo de todo homem que sofre profundamente – a hierarquia é quase que determinada pelo grau de sofrimento a que um homem pode chegar –, a arrepiante certeza da qual é impregnado e tingido, de mediante seu sofrimento saber mais do que os mais inteligentes e sábios podem saber, de ter estado e ver versado em tantos mundos distantes e horríveis, dos quais “você nada sabem”!... essa altivez espiritual silenciosa daquele que sofre, esse orgulho do eleito do conhecimento, do “iniciado”, do quase sacrificado, tem como necessárias todas as formas de disfarce, para proteger-se do contato com mãos importunas e compassivas e, sobre tudo, de todo aquele que não lhe é igual na dor. O sofrimento profundo enobrece; coloca à parte⁷.

O sofrimento, aquele que “coloca à parte” é, no pensamento de Nietzsche, um instrumento de libertação do indivíduo. Este sofrimento como libertador não deve ser vista como a doença característica do cristianismo – pois nesta encontramos as mãos “importunas e compassivas”. Nesta, o indivíduo, em lugar de libertar-se, limita-se a entregar a apenas uma perspectiva de salvação – a transcendente. Já o doença/sofrimento do indivíduo que batalha constantemente pela saúde, essa liberta de qualquer possibilidade transcendente, torna o indivíduo mais profundo e nobre, desejoso de vida, vida como vontade de poder. Nesse sentido, Marton é enfática ao destacar que,

Ao tomar a vida – enquanto vontade de potência – como critério de avaliação, rejeita a metafísica e o mundo supra-sensível, a religião cristã e o reino de Deus. Vida e vontade de potência não são princípios transcendentais: a vida não se acha no além dos fenômenos; a vontade de potência não existe fora das forças⁸.

⁷ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. § 270. P. 186.

⁸ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006. P. 55.

Em *Humano, demasiado humano* Nietzsche nos mostra a “grande saúde” como aquela que não pode negar a doença. Ali, a doença apontada pelo filósofo é aquela que imobiliza a variedade de perspectivas, ou seja, aquela na qual o indivíduo limita seu conhecimento a uma única direção,

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, até a *madura* liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários – até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre! No entremeio podem estar longos anos de convalescença, anos plenos de transformações multicores, dolorosamente mágicas, dominadas e conduzidas por uma tenaz *vontade de saúde*, que frequentemente ousa vestir-se e travestir-se de saúde⁹.

Reafirmamos, então, que, conforme o filósofo, “passar pela doença” é um meio para atingirmos a “grande saúde”. Por esse meio e, principalmente por sua superação, o indivíduo irá “amadurecer seu espírito” a ponto de ter acesso às mais variadas formas de conhecimento e de avaliações. Desse modo, atingir a “grande saúde” permite ao indivíduo vislumbrar várias perspectivas do conhecimento e colocar em xeque os valores mais arraigados na cultura, aqueles oriundos da tradição. Percebemos que o estado de saúde alcançado pelos indivíduos, ao proporcionar essa multiplicidade de conhecimento, também proporciona as mais variadas formas de experimentá-lo, como a aventura da guerra ou o isolamento das alturas.

A “grande saúde” deve ser vista como um ideal a ser alcançado. Em vez de buscarem um ideal capaz de reger suas vidas no além-mundo, os indivíduos devem buscá-lo aqui, neste mundo, transformando sua cultura decadente em cultura elevada. Contudo, podemos nos perguntar a respeito dos critérios que esses indivíduos deveriam ter a fim de alcançar o ideal da “grande saúde”, ou mesmo, são realmente necessários tais critérios? Os critérios existem e para que sejam

⁹ NIETZSCHE. F. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2005. Prólogo 4, p.10-11.

conhecidos pelos indivíduos é necessário a superação do ressentimento e a elevação da cultura.

O ponto focal da “grande saúde” é, para o indivíduo, a possibilidade de pôr em questão aqueles valores seculares que cerceiam qualquer possibilidade de norteamento da vida tendo por objetivo livrar-se de qualquer culpa, noção de pecado e qualquer outro sentimento que o adoeça. Nesse sentido, o critério que percebemos na ideia nietzschiana de “grande saúde” é a vida, não qualquer vida, mas aquela que tem como base a vontade de poder. Nele verificamos que o indivíduo saudável é aquele que está sempre pronto para a luta, aquele que despreza o mais fraco, aquele de uma constituição hierarquicamente superior. O filósofo afirma, referindo-se ao que constitui a força impulsionadora da vida sã que, a vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, ofensa, dureza, imposição de forças próprias, incorporação e, no mínimo e mais comedido, exploração¹⁰.

Se retornarmos às características dos indivíduos elevados, notaremos que as forças de ações por eles apropriadas têm, também, como critério as características essenciais do que o filósofo considera vida. Em todos os grupos de indivíduos considerados nobres, de estirpe elevada, os considerados iguais em força, possuem em comum uma vida saudável. A força com que se apropriam, se expandem e se destacam dos demais está relacionada à forma de vida que escolheram para si, ou seja, a uma vida sã. Nietzsche nos mostra que em toda aristocracia a vida se faz saudável, a vida como vontade de poder se faz latente:

Também esse corpo no qual (...) os indivíduos se tratam como iguais – isso ocorre em toda aristocracia sã –, deve, se for um corpo vivo e não moribundo, fazer a outros corpos tudo o que os seus indivíduos se abstêm de fazer uns aos outros : terá de ser vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio – não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque vive, e vida é precisamente vontade de poder.¹¹

Nietzsche considera a vida um conjunto de forças, de instintos que proporcionam tanto o crescimento do indivíduo quanto o afloramento do que há

¹⁰ NIETZSCHE. F. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. § 259. P. 171.

¹¹ NIETZSCHE. F. Op. Cit. §259. P.171.

de mais natural no mesmo – e aqui encontramos as características do conceito de vida como Vontade de Poder . Mas a vida só pode ser considerada algo naturalmente dado quando emana da saúde. Uma vida cerceada por valores decadentes não proporciona a expansão das forças criadoras, tampouco proporciona a manifestação e aceitação dos instintos naturais característicos dos indivíduos.

A vida enaltecida pelo filósofo deve ser aquela que fortalece o indivíduo. Tem que trazer consigo nobreza. Deve ser digna de ser desejada e experimentada com plenitude. Em *Anticristo*, Nietzsche enfatiza enfaticamente que,

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder: onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade falta essa vontade – que valores de declínio, valores niilistas preponderam sob os nomes mais sagrados.¹²

É de nosso conhecimento que em Nietzsche os “valores de declínio” predominantes em nossa cultura são aqueles gerados no seio do cristianismo. A eles o filósofo dá os créditos do niilismo passivo e, conseqüentemente, à negação dos instintos que emanam vida. “O cristianismo tomou partido”, afirma Nietzsche, “de tudo o que é fraco, baixo, malogrado, transformou em ideal aquilo que contraria os instintos de conservação da vida forte”.¹³ No cristianismo o indivíduo deve renegar sua “vida forte”, a natureza de seus instintos e a saúde que provém de tal natureza para seguir o caminho em direção ao nada. A visão do indivíduo deve ser capaz de perceber, agora, o declínio do cristianismo e as várias perspectivas de vida saudável que lhes são postas. Na perspectiva de Marton,

Se a renúncia do cristianismo trouxe como conseqüência a sensação de que “nada tem sentido”, “tudo é em vão”, trata-se agora de mostrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo – é só mais uma. Perniciosa, ela inventou a vida depois da morte para justificar a existência; nefasta, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Na tentativa de negar “este” mundo em que nos achamos, procurou estabelecer a existência de outro, essencial, imutável, eterno; durante séculos, fez dele a sede e a origem dos valores.¹⁴

¹² NIETZSCHE. F. *O Anticristo*: Maldição ao cristianismo. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. § 6. P. 13.

¹³ NIETZSCHE. F. Op. Cit. § 5. P. 12.

¹⁴ MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006. P. 55.

Sabemos que a classe de indivíduos que preza pelos preceitos cristãos é aquela que se acumula na grande massa do ressentimento. Nisso, doutrinados por tais preceitos, os indivíduos não conseguem perceber o real significado da vida, a real direção a ser seguida e a importância da força dos instintos naturais do homem para uma vida forte e saudável. Inversamente, a classe dos nobres possui força própria, a daqueles que vencem as grandes batalhas, por isso conseguem alcançar constantemente a “grande saúde” e dar seu “triunfante sim à vida”. Ao indivíduo nobre cabe gozar aquilo que de mais forte a natureza lhe proporcionou – a vida e seus fortes instintos. Nietzsche nos mostra que, (...) as classes nobres, os filósofos e os guerreiros, erguem a mão sobre a multidão; valores nobres em toda parte, um sentimento de perfeição, um dizer Sim à vida, um triunfante sentimento de bem-estar consigo e com a vida ¹⁵. Nesse sentido, a classe nobre se apresenta como aquela que possui em sua constituição as características da “grande saúde”.

Convém lembrarmos aquele aspecto que é característico da “grande saúde” e que perpassa a filosofia nietzschiana: a transvaloração dos valores. Ao colocar sob suspeita a constituição e a apropriação dos valores morais transmitidos ao longo da história, percebemos que o filósofo pretende nos chamar a atenção para os fins a que esses valores se fizeram. Eles tinham como objetivo assegurar a saúde dos indivíduos ou, ao contrário, fazer com que mergulhassem numa doença tal que não conseguissem vislumbrar a multiplicidade de perspectivas mais enaltecidas da vida?

É nessa direção que entendemos a necessidade apontada pelo filósofo de rever os valores que até então se fizeram únicos alicerces na constituição do indivíduo. Há, para Nietzsche, a necessidade de colocar em xeque tais valores. Nesse sentido, é que ele evidenciou os valores morais que se encontravam na tradição cristã e verificou que o peso atribuído a esses valores em sua constituição não serviriam para tornar o indivíduo saudável, mas sim ressentido. Para tanto, propôs a inversão desses valores. É necessário, no contexto da “grande saúde”, que busquemos os valores transvalorados, ou seja, que consigamos inverter aqueles

¹⁵ NIETZSCHE. F. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. § 56. P. 69.

valores que mais conseguiram domesticar os indivíduos – os valores cristãos. A principal maneira encontrada pelo cristianismo para inverter o sentido dos valores fortes foi inverter o mundo, colocar sua importância de “ponta cabeça”, ou seja, o mundo ao qual deveríamos buscar é aquele fruto da imaginação dos pregadores do cristianismo, e o mundo que deveríamos desprezar é aquele que se identifica com a natureza humana. Marton afirma que,

Invertendo o mundo, os ressentidos reinstauram princípios transcendentais, tomando-os por base da moralidade; com isso, desprezam o mundo em que se encontram e negligenciam o caráter “humano, demasiado, humano” dos valores que eles mesmos instituíram.¹⁶

O propósito da transvaloração dos valores consiste em aceitar o “caráter humano, demasiado, humano dos valores”, ou seja, os indivíduos devem perceber que os únicos responsáveis pela criação dos valores pelos quais se pautam, são eles mesmos. Uma das grandes características dos nobres foi perceber que eles eram os únicos responsáveis por nomear as coisas e dar valor a elas. E, como todo indivíduo de uma astúcia aguçada, valoraram mais aquilo que lhes beneficiavam, que os destacavam dos demais. Também aí, em sua aguçada astúcia, encontramos uma “grande saúde” posto que todos os atos referentes aos valores por eles apropriados tiveram como finalidade seu destacamento, sua afirmação da vida e de sua natureza “humana, demasiado, humana”.

Nada de transcendência, nada de além-mundo; o indivíduo precisa buscar seu ideal “aqui e agora”, a plenitude de sua existência necessita que ele se volte para a imanência, pois os ideais que provêm do além-mundo são indicadores de decadência, de doença do espírito. Nesse sentido, Nietzsche nos mostra que,

[...] o ideal de um espírito que ingenuamente, ou seja, sem o ter querido, e por transbordante abundância e potência, brinca com tudo o que até aqui se chamou de santo, bom, intocável, divino; para o qual o mais elevado, aquilo em que o povo encontra naturalmente sua medida de valor, já não significaria senão perigo, declínio, rebaixamento ou, no mínimo, distração, cegueira, momentâneo esquecer de si.¹⁷

¹⁶ MARTON. S. *Nietzsche – Das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2000. P. 93.

¹⁷ NIETZSCHE. F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2001. § 382. P. 287.

Em lugar de esquecer-se de si, o filósofo alemão instiga o indivíduo a voltar-se para si com o intuito de fortalecer seu espírito e buscar um novo fim, fim este, segundo Nietzsche, ainda pouco experimentado.

A noção de “grande saúde” apontada por Nietzsche brinca com os ideais transcendentais, pois eles de nada devem servir. Tais ideais, se levados a sério, só trazem mediocridade e ressentimento aos indivíduos. Por isso, o propósito último de se transvalorar tais ideais, tais valores, é conseguir se voltar para um novo fim, seguir uma nova trajetória capaz de possibilitar aos indivíduos uma “grande saúde”. Nietzsche nos mostra, em relação a essa nova trajetória, que necessitamos percorrer, que,

Para aquele fim seria preciso uma outra espécie de espíritos, diferentes daqueles prováveis nesse tempo: espíritos fortalecidos por guerras e vitórias, para os quais a conquista, o perigo e a dor se tornaram até mesmo necessidade; seria preciso estar acostumado ao ar cortante das alturas, a caminhadas inverniais, ao gelo e aos cumes, em todo sentido; seria preciso mesmo uma última, securíssima petulância do conhecimento, própria da grande saúde, seria preciso, em suma e infelizmente, essa mesma “grande saúde”!...¹⁸

Para abrir um espaço no qual a “grande saúde” tenha possibilidade de aparecer, é preciso, indubitavelmente, renegarmos esses valores decadentes frutos de uma tradição que não levou em consideração a grandeza do indivíduo; fruto de uma tradição que “tentou” a todo custo manipular os instintos humanos, e acabou conseguindo domesticá-lo. É importante que os indivíduos saibam perceber a força que pulsa em cada um deles para que possam não mais “cair em tentação” e renegar esses valores que até então direcionaram suas vidas no sentido do nada. Essa força – a vontade de poder – é aquela mesma força que gera vida e, conseqüentemente, a “grande saúde”.

O ideal da “grande saúde” proposto por Nietzsche é a possibilidade de os indivíduos se tornarem “espíritos livres” e criadores capazes de experimentar novas e variadas formas de conhecer e valorar. E somente a partir do momento em que se torna capaz de criar novos valores e novas perspectivas de conhecimento, que o

¹⁸ NIETZSCHE. F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 1997. II. § 24. P. 84.

indivíduo consegue livrar-se daqueles entraves da tradição e efetivar sua vida – vida como vontade de poder.

Referências:

MARTON. S. *Nietzsche - Das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2000.

MARTON. S. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

NIETZSCHE. F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 1997.

NIETZSCHE. F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2001.

NIETZSCHE. F. *O Anticristo: Maldição ao cristianismo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

NIETZSCHE. F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

NIETZSCHE. F. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo. 2005.

PASCHOAL. A. E. *Nietzsche e a auto - superação da moral*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

Recebido em: 24/08/ 2014

Aceito em: 02/10/2014